

## Passos para o futuro

### XXV Encontro da ABPMC – Foz do Iguaçu, 07/09/2016

Margarida H. Windholz ✉

Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da USP

Em 2008, meu marido e eu resolvemos partir para um novo projeto: “vida nova aos 80”, mudando para Israel, para passar esta etapa –aposentadoria– com filhos, netos e bisnetos morando lá. Uma fase boa. Mas, apesar disso, como diz um poema-canção de Oswaldo Montenegro, “Metade”, enquanto curti a nova realidade, com uma metade de mim, outra metade de mim nunca deixou o Brasil. Procurei manter-me a par do que estava acontecendo aqui, conservar o contato com amigos e colegas, mas considere que minha função tinha sido cumprida.

O que não esperava, e que me deixou profundamente emocionada e tocada, foi esta homenagem que hoje me está sendo prestada, graças ao convite do presidente da ABPMC, Denis Zamignani, e de seus colegas. De repente me vejo de volta ao Brasil, abraçada pelo carinho e pela amizade dos colegas. Não tenho palavras... a emoção é grande demais.

Agradeço de coração tudo que foi dito pelo Antônio Jayro. A verdade é que tudo que fiz foi feito com dedicação, seriedade, amor, procurando, sempre que possível, inovar numa área que estava começando a ser introduzida no Brasil, a Análise do Comporta-

mento e sua aplicação, área em que eu acreditava e que reconheci como promissora.

-----

No nosso trabalho, muitas vezes aprendemos mais do que ensinamos e uma das lições importantes que aprendi gostaria de transmitir a vocês. Para isso, quero convidá-los a vir comigo para uma casa modesta, num bairro popular em São Paulo, onde tinha sido instalada a primeira escola, que pretendia se guiar pelas propostas da Análise Comportamental, aplicando-as a um grupo de crianças e jovens com déficits moderados a severos de desenvolvimento: “A Escola da Carminha”.

**Dia de reunião mensal. O calendário mostra que estamos no primeiro semestre de 1975.**

**De manhã, reunião da equipe:** educadores, terapeutas, atendentes e direção. Juntos, analisamos os resultados obtidos, problemas que surgiram, procedimentos que funcionaram e também outros que não funcionaram. Finalmente, foi exibido o vídeo feito por ocasião do primeiro passeio com

---

10 alunos, ao Parque do Morumbi. Alegria geral da assistência. Gritos de satisfação: “Olha o Luiz chutando bola para Márcio”, “Veja a Lulu abrindo sozinha a lancheira e tirando o lanche, até oferecendo um pedaço do pão para Rita com um gesto de ‘quer?’”, “Reparem: Fábio, tão agitado, obedeceu à ordem da Pro e ficou com a turma”. Enfim: alegria geral.

À noite, reunião dos pais. Percorremos as salas de aula, mostramos as faixas com os programas de cada aluno, os registros com seus gráficos. Respondemos dúvidas e perguntas. Por fim, mostramos o vídeo do passeio ao Parque do Morumbi. Mas... ao contrário da alegria da assistência da manhã, gelo, gelo. Nenhuma exclamação dos pais!/? Gelo.

Eu não entendi o que estava acontecendo e não aguentei. Saí da sala, sentei no banco do meu carro e chorei. Encerrada a reunião, Celma, diretora, pedagoga, mãe de Carminha, veio sentar ao meu lado. Chorando ainda, eu disse: “Não entendi nada. A alegria dos educadores, o silêncio dos pais”. E Celma, mais sábia que eu, me respondeu com uma frase que nunca mais esqueci e que norteou anos de trabalho: “Nós, os educadores, vimos os passos andados; os pais viram os passos que faltavam andar.”

-----

Junto com esta homenagem que me está sendo prestada, teremos o lançamento da reedição do meu livro “Passo a Passo, Seu Caminho. Guia Curricular para o ensino de habilidades básicas“, fruto do trabalho de anos na escola da Carminha. Na introdução do mesmo, refleti sobre o período decorrido desde seu

lançamento, em 1988 e, mais especificamente, no período decorrido desde minha mudança para Israel, em 2008. E perguntei: houve e quais foram os passos andados e quais os passos que faltam? Para responder, restrinjo-me aqui apenas ao trabalho com a população mencionada: a educação de pessoas com necessidades especiais.

Achei apropriado trazer as mesmas perguntas para este XXV Encontro da ABPMC, onde professores, pesquisadores, alunos de graduação e pós-graduação apresentam seus trabalhos, discutem e planejam o futuro, para analisarmos o que há e o que precisa ser feito.

**Quanto aos passos andados**, vejo muitos. Basta ver o maravilhoso sucesso da ABPMC, com seu encontro todos os anos, trazendo para Foz do Iguaçu um número impressionante de participantes, uma programação com uma temática variada e atual. Confirma-se que o Brasil continua sendo o segundo ou terceiro país do mundo em que a Análise do Comportamento tem a maior quantidade de seguidores. O número de analistas de comportamento, atuando em clínicas, aumentou e se espalha por todo o Brasil, mesmo em pequenas cidades do norte ao sul. Centros e escolas, em que os conhecimentos da Análise Comportamental são aplicados, cresceram e aumentam constantemente, em quantidade e qualidade. Material pedagógico excelente está sendo produzido e colocado ao alcance de todos, por meio de divulgação direta, inclusive na internet e Facebook. Cursos se multiplicam, além dos oferecidos pelas universidades, e até on-line.

**Assim sendo, podemos responder: sim**, muitos passos foram dados e com eles nos alegamos

muito, como fizeram os educadores da Escola da Carminha.

**Passos que faltam para andar.** No entanto, muito ainda há que ser feito em numerosas áreas, entre as quais aqui destaco apenas o atendimento à população atípica.

Vejam os que acontecem com relação à inclusão escolar. O fato da Lei exigir a inclusão da pessoa com necessidades especiais na escola não é suficiente para que as condições de atendimento garantam os resultados desejáveis dessa inclusão. Isso porque existem muitos alunos por classe e há falta de formação específica do corpo de professores, que não dispõe de uma metodologia baseada em conceitos teóricos fundamentados, para atendimento de uma população com características tão diversas e difíceis. O resultado é o que se costuma ver: professores sobrecarregados e obtendo resultados insatisfatórios e pais descontentes.

Mesmo se, como previsto na Lei, haja acompanhantes para os alunos especiais, ambos, professor e acompanhante, necessitam de uma formação que lhes permita sucesso na sua tarefa. Há que lutar também contra o preconceito, de significativa parte de pais, contra a pessoa “diferente” junto a seus filhos na mesma escola, implicando em rejeição, isolamento e “bullying”.

Vejo aqui, portanto, um grande campo para a atuação da comunidade de Analistas de Comportamento, os já atuantes e aqueles a se formar, trazendo seus conhecimentos e instrumentos, para contribuir para a melhor habilitação dos professores, uma mais eficaz organização escolar, programação curricular e criação das condições específicas,

necessárias para garantir resultados promissores. Afirmamos isso tendo em vista os avanços importantes em pesquisas e trabalhos de aplicação da Análise do Comportamento nas últimas décadas, especificamente na área de Educação e Educação Especial, no que se refere a instrumentos de diagnóstico, intervenção e ensino.

É desejável e necessário, a meu ver, incentivar um maior número de profissionais e estudantes em direção à habilitação e atuação em escolas e instituições, principalmente as públicas, para ajudar a aprimorar o atendimento da população, garantindo resultados de nível. Isso porque, diante do vasto número de pessoas a encaminhar e educar, há necessidade de um trabalho “por atacado”, neste imenso e diversificado Brasil.

Hoje em dia, felizmente, diagnósticos de comprometimentos diversos, que requerem atenção e intervenção, são realizados mais precocemente, por estarem as famílias melhor informadas, pelos meios de comunicação e de trocas de informações em grupos de pais e profissionais, principalmente pela internet. Os pais, com filhos com necessidades especiais, têm também maior conhecimento sobre os seus direitos e os serviços que podem ser oferecidos a seus filhos.

Abrindo um parêntese, nesse sentido, aliás, parece importante também visar a formação do neonatologista e do pediatra, primeiros especialistas a entrarem em contato com a criança e que, ainda hoje, frequentemente não estão suficientemente atentos ou procuram dissipar as preocupações de pais, em vez de ouvi-las e fazer os devidos encaminhamentos a serviços especializados para intervenção precoce.

Vemos também a necessidade de criar, junto às escolas, grupos de apoio aos pais e à família, para um trabalho conjunto deste triângulo: profissionais, pais e comunidade escolar.

Os casos de infecções pelo vírus da Zika, que estão surgindo no Brasil e em outros lugares, envolvendo o nascimento de bebês com microcefalia, vêm trazer um novo problema de dimensões ainda não previsíveis e, infelizmente, um aumento significativo de crianças que necessitarão de atendimento e estreita colaboração entre profissionais das áreas de medicina, psicologia, fisioterapia e fonoaudiologia.

Paralelamente a essas mudanças, as pesquisas e novidades nas áreas neurológica e psiconeurológica trazem novos conhecimentos, que, junto com os avanços tecnológicos, teremos que considerar e incluir em nossos processos educativos.

**Esses são, portanto, alguns dos passos que faltam andar e que conclamo os congressistas presentes a considerar nos seus caminhos no futuro.**

De minha parte, com a reedição do livro “Passo a Passo”, espero ter continuado a contribuir com um pequeno, mas espero que importante, passo nesse sentido.

Recebido em 20/11/2016  
Revisado em 05/02/2017  
Aceito em 15/02/2017